APRESENTAÇÃO

Ivete Lara Camargos Walty*

No livro *Os últimos intelectuais*, Jacoby (1990), lamenta o fim de uma época em que pessoas de espírito elevado, dominando uma linguagem pública, falavam não apenas para seus iguais, mas para outros grupos, com uma preocupação humanística e crítica. Afirmando que hoje os intelectuais vivem fechados entre as paredes da academia, preocupados com suas próprias carreiras e salários, o escritor americano diz que os últimos intelectuais, de que Chomski seria um exemplo, são aqueles que amadureceram na década de 60.

Em artigo recente no *Jornal Estado de Minas*, Affonso Romano de Sant'Anna (2001) fala da sua geração como a última geração letrada, lamentando que não se leia hoje Lamartine, Lorca ou Camões.

A palavra “último” marca, pois, a produção da passagem do milênio, indiciando nostalgia, por um lado, e mudança, por outro. Por isso mesmo é instigante ouvir essas gerações que substituem as anteriores, sempre as últimas em alguma ordem. Como parte dessa proposta, é que ora organizamos esta publicação, com artigos sobre o lugar do intelectual, elaborados por alunos de dois diferentes cursos ministrados no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas: “Intelectuais em trânsito” e “O intelectual e as minorias”. No primeiro discutiu-se o lugar do intelectual moderno e o fazer literário face à mudança contemporânea, tendo como referência básica a obra de Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Silviano Santiago. No segundo, abriu-se espaço para trabalhos com minorias negras e indígenas, com populações de rua, com o objetivo de se refletir sobre o papel desempenhado pelo intelectual nesses

---

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. ?????.

movimentos. Como se pode perceber, os dois cursos se cruzaram, possibilitando olhares deslocados sobre tempos diversos.

Os artigos que compõem este volume são resultado dessas reflexões cruzadas. Assim, o texto de Henrique Alves, “Intelectuais e minorias em *A expedição Montaigne*”, lê a obra de Callado, percorrendo as trilhas das personagens Vincentino Beirão e Ipavu, para, a partir delas, investigar o caminho do próprio autor empírico e seu papel político na sociedade brasileira. As trilhas da expedição metaforizam, pois, as trilhas da escrita em sua ambigüidade de matar e salvar seu objeto. Jussara Santos, com o texto, “Partindo de um certo umbigo”, discorre sobre o lugar do negro e seu “discurso das margens” em dois contos de autores contemporâneos, que já apontam por si mesmo para a quebra da dicotomia empobrecedora entre culturas e a conseqüente discussão do cânone. Sua leitura ágil explora elementos dos contos, como uma arca e uma maça de guerra, tornando-os metonímias de posturas críticas, frente à realidade da colonização, deslocada no tempo e no espaço sem, no entanto, perder a dimensão da assimetria das relações de poder. Maria Aparecida Barbosa ousa quando escolhe como objeto de trabalho um livro elaborado com fotografias tiradas por meninos de uma favela, dirigidos por artistas – dois mineiros e um europeu, e reflete sobre a concepção de mundo aí inserida. Num segundo momento, analisando um *rap*, discorre sobre seus lugares de enunciação e recepção, vendo no *rapper* um novo tipo de intelectual, como sugere o título de seu artigo “Novos intelectuais”. Pode-se perguntar: um outro tipo de letramento?

Numa outra linha, Paulo Sérgio Santos, analisando o fazer literário de Mário de Andrade e Graciliano Ramos, vale-se do próprio pensamento dos autores sobre o ato de criação e sua função, entre arte e artesanato. Nesse contexto, vislumbra uma angústia ética do intelectual moderno em sua preocupação de mudar a ordem social. É sobre essa angústia, e, mais propriamente do livro assim nomeado, de Graciliano Ramos, que Rogério Pereira se debruça para discutir esse lugar do intelectual moderno, em “O intelectual em Angústia: entre o passado, o presente e o futuro; entre o povo e a nação”. Valendo-se de elementos narrativos como a corda, as cobras e o colchão de paina, investiga minuciosamente o processo da escrita, na busca dos sujeitos narrativos e sociais. É sobre esses sujeitos narrativos e sociais que José Osmar de Melo discor-

re em “Graciliano Ramos e a questão da linguagem”, tomando o texto literário como campo de tensões, em que o discurso estético engloba o cultural, o político-ideológico e o existencial. Refletindo sobre o jogo enunciativo do romance **São Bernardo**, ele mostra como vozes em contraponto relativizam as dicotomias aparentemente postas no início da narrativa.

Ronaldo Boschi, a partir de sua experiência teatral, escreve um texto em flashes, em que postula o tempo do não-modelo, quando o ato de criação exhibe sua virtualidade. Aponta Mário de Andrade como aquele que evidencia, *avant la lettre*, a ambigüidade de ser e não ser modelo para seus pares, postulando o tempo do e, não do ou.

Entre os dois blocos, situa-se o texto de Júlia Amorim, a discutir a intelectual feminina na busca de espaço que alargue o doméstico, fazendo interpenetrar as esferas privadas e públicas. Para isso, analisa a obra **A república dos sonhos**, de Nélide Piñon, tendo como referencial básico a máscara e sua potencialidade de esconder e deixar entrever, em sua relação com a questão da identidade.

Dessa forma, essa geração, que não é a última, refletindo sobre a escrita do outro, volta-se para o seu próprio fazer, pensando sobre sua função e seu lugar na ordem instituída. O que não se sabe é se isso pode ajudar a mudá-la.

Referências bibliográficas

JACOBY, Russel. **Os últimos intelectuais**: a cultura americana na era da Academia. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Trajetória/EDUSP, 1990.

SANT'ANNA, Affonso Romano. A última geração letrada. *Estado de Minas*, 4/2/2001, p. 10.